

EJA: OS EXCLUÍDOS MESMO ANTES DA PANDEMIA

Mislene Lemos de Almeida Assis ¹

RESUMO

O contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) se apresenta desde sempre como oportunidade para os educandos que não conseguiram concluir os estudos na idade certa. Entretanto, para as Políticas Públicas e constitucionalmente, a idade certa se dá dos 04 (quatro) aos 17 (dezesete) anos. Este aspecto corrobora para que haja uma decadência da importância desta modalidade de ensino na estrutura educacional brasileira e dissemina uma forma de exclusão. Durante a Pandemia, estes desafios se acentuaram devido a falta de acesso ou de condições mínimas de relação interpessoal e compreensão dos conteúdos que podem ocorrer por meio da mediação professor-aluno e aluno-aluno. É perceptível que com o advento da Pandemia questões como as desigualdades sociais se acentuaram e reflexões no sentido de se discutir os desafios encontrados na Educação de Jovens e Adultos são extremamente necessários à medida que se almeja não somente uma educação de qualidade, mas também que ela seja acessível a todos. Concluímos que estes alunos estão em situação de exclusão não somente por dificuldades em lidar com as tecnologias em tempos de aulas remotas, mas desde quando as Políticas Públicas relegaram em segundo plano, educandos que por algum motivo não conseguiram dar seguimento em seus estudos “na idade certa”, e que precisamos trabalhar uma educação na perspectiva inclusiva que promova autonomia e construção da cidadania.

Palavras-chave: Educação de Jovens e Adultos, Exclusão, Pandemia.

INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é relatar a trajetória de duas alunas na EJA que foram acompanhadas por um bimestre, em relação a sua vida escolar, da infância a sua caminhada até a EJA, bem como as dificuldades encontradas durante a Pandemia.

A medida que diversos trabalhos relacionados a Pandemia e seus reflexos na educação vem sendo desenvolvidos, faz-se necessário abordar esta discussão na Educação de Jovens e Adultos (EJA), visto que além dos desafios já enfrentados em relação às especificidades da educação como limitação de acesso a internet, celular, dentre outros, alguns agravantes são

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências e Matemática do Instituto Federal de Goiás/Campus Jataí, miss.83lemons@hotmail.com.

notórios quanto ao público da EJA como, dificuldade em acessar aplicativos para estudar, conhecimento limitado do conteúdo devido diversos fatores como, tempo de evasão, para alguns, dificuldades de compreensão devido a idade, dentre outros. Junto a essas especificidades, acrescentamos ainda os desafios e estigmas já existentes em relação a EJA.

Em relação aos desafios e estigmas, poderíamos imaginar que foram excluídos quando não tinham acesso à internet ou quando não conseguiam lidar com as tecnologias, ou até mesmo por não terem um celular de última geração, mas na verdade a exclusão já vem de antes, a Pandemia somente acentuou a mesma.

Ela começa quando se estipula uma idade certa para estudar, pois estamos longe de estarmos todos na escola na idade certa, muito além de sermos uma sociedade com igualdade de oportunidades, protegidos da violência e inseridos no ambiente escolar desde a tenra idade. Diversos são os empecilhos, imensas as desigualdades sociais e por vezes quem tem em primazia o papel de direcionar e encaminhar, por diversos motivos também não o desempenha. Os autores que contribuíram para o desenvolvimento do trabalho foram, Abramovay e Waiselfisz (2021), Araújo (2021), Dowbor (2008), Freire (1967, 2005), Machado (2010 e 2016), Souza, Ferreira e Viana (2022).

METODOLOGIA

Os relatos que serão expostos neste trabalho, parte do Plano de Trabalho de uma disciplina optativa cursada no Programa de Pós-Graduação em Educação para Ciências e Matemática do Instituto Federal de Goiás (Mestrado), denominada “O ensino de Ciências e Matemática para a EJA”, ministrada pela professora Dra. Luciene Lima de Assis Pires e pelo professor Dr. Paulo Henrique de Souza.

As alunas assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordando com as condições da pesquisa. O retorno dos alunos aos estudos após tanto tempo será retratado aqui por meio de entrevistas realizadas a partir de questionário com questões abertas e dissertativas. Vou me referir a elas de Aluna I e Aluna II. A aluna II é mais comunicativa e fornece mais detalhe a respeito das questões direcionadas a ela enquanto a Aluna I é um pouco mais objetiva e sucinta em suas respostas.

Encontrar colaboradores para o trabalho não é tarefa fácil. De início, conversei com cada turma e explanei os objetivos da pesquisa, sua importância e como ela seria realizada. Recebi diversas negativas. Minha intenção era conseguir entrevistar um aluno mais jovem e um aluno

adulto para que ao final fosse possível realizar um contraste do público que a EJA atende, entretanto, isto não foi possível.

Mas, consegui encontrar colaboradores de turmas diferentes, duas alunas, do 7º e 9º ano, 2º e 4º período respectivamente, de uma escola pública municipal de Jataí-Goiás que atende alunos do 1º e 2º segmento da EJA, 1º ao 9º ano, compreendendo o 1º segmento, 1º ao 5º ano e 2º segmento, 6º ao 9º ano.

As entrevistas foram realizadas de forma remota devido a Pandemia, por meio de questionário que foi enviado por whatsapp e que foram respondidos e enviados de volta pelas alunas envolvidas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Definir uma idade certa para a educação acaba por excluir, nega o direito a quem não conseguiu por qualquer que seja o motivo ter acesso a mesma neste tempo. (MACHADO, 2010). Vivemos em um Estado democrático e de direito em que a educação é direito de todos defendida pela Constituição Federal de 1988. Entretanto, vivenciamos também tempos de defesa do Estado mínimo de direitos o que trabalha na contramão de uma educação pública e de qualidade.

[...] é preciso que se enfrentem algumas máximas, que têm perdurado na educação brasileira, soando quase como culturas estabelecidas e justificando a negação do direito. São elas a cultura estabelecida do mínimo a ser cumprido e a conformação com a realidade da não escolarização como fatalidade, entre a população jovem e adulta, dada a sua dura realidade, resultante da desigualdade econômica e social. (MACHADO, 2010, p. 254).

A autora ressalta que esta cultura pode ser superada a partir do empenho em alcançar as Metas do (PNE) Plano Nacional de Educação, 2011-2020, entretanto, bem sabemos que as políticas públicas são voltadas para a Educação Básica e sequer citam a Educação de Jovens e Adultos que deve acompanhar as Diretrizes Nacionais voltadas para esta fase sem se dar conta de suas especificidades. Quanto à outra máxima, é necessário que se trabalhe a conscientização, a voz precisa vir também dos oprimidos e para isso eles precisam reconhecer o seu valor.

Superada esta cultura, torna-se até um incentivo e outra forma de demonstrar aos jovens e adultos que a educação, independentemente da idade é importante para eles. Na luta pelos seus direitos, oferece novos subsídios de enfrentamento a novos problemas que são postos

diariamente com o avanço da tecnologia, do desemprego e das diferenças sociais.

Decerto, para ensinar jovens e adultos, se faz necessário voltar o olhar para a realidade deles, que muitas vezes chegam cansados e desmotivados para participarem das atividades em sala de aula. Ademais, muitas vezes o adulto prioriza o cuidado com a família e, conseqüentemente, suas aspirações pessoais são deixadas de lado. (SOUZA; FERREIRA; VIANA, 2022, p. 2)

Portanto, um dos papéis da EJA seria realizar esta conexão entre o ensino e a realidade do aluno que já vem munido de conhecimentos que não devem ser ignorados, mas sim ampliados por meio do conhecimento sistematizado e colocados em discussão de forma a produzir conhecimento e consciência crítica. Os autores ainda afirmam que,

A discussão da temática sobre a evasão escolar em tempos de pandemia contribui para que a escola elabore estratégias de enfrentamento de combate ao abandono escolar, pois, existem algumas causas que podem influenciar no agravamento do fenômeno da evasão escolar, essas podem não estar relacionadas diretamente às escolas, como desigualdade social, relação familiar e com o uso de drogas pelos alunos ou aquelas que estão relacionadas à escola, à conduta e a linguagem do professor (CABRAL, 2017 apud SOUZA; FERREIRA; VIANA, 2022, p. 3).

Nesta dinâmica, não há que se responsabilizar a escola ou o professor, entretanto, a escola e a ação do educador têm papel fundamental na aproximação do aluno ao ambiente escolar e o sentimento de pertencimento do aluno à escola que é despertado a partir do momento que se leva em conta o conhecimento prévio do aluno.

No decorrer de 2020, a Covid-19, provocada pelo novo Coronavírus, assolou de forma generalizada povos, culturas, diferentes regiões de nosso planeta Terra. Em razão disso, parece ser cada vez mais urgente a reflexão sobre o tipo de sociedade que desejamos em nosso tempo presente e para o futuro da humanidade, uma vez que a pandemia conseguiu, em pouco tempo, dar grande visibilidade às desigualdades sociais latentes na sociedade capitalista, na qual produzimos historicamente nossa existência na contemporaneidade. (ARAÚJO et al, 2021, p. 2)

A Pandemia apenas acentuou as desigualdades já existentes de acesso e permanência na escola. E este é um fator determinante para que se debruce nestas questões de qual sociedade almejamos e quais os meios podemos encontrar para superação dos desafios apresentados e angariar ferramentas que corroborem para a construção da cidadania.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Passemos a descrição dos fatos, durante o acompanhamento inicial, disponibilizei o questionário para as alunas, tanto por via whatsapp quanto impresso. Os questionários foram respondidos entre os meses de outubro e novembro de 2021. A aluna I me deu devolutiva sempre por foto das respostas, a aluna II, a primeira vez por foto, a segunda vez escrita.

As aulas na EJA, durante a Pandemia no município de Jataí- Goiás ocorreram via WhatsApp com envio de atividades em PDF, vídeos explicativos gravados pelos professores complementados por vídeos da plataforma do You Tube e os alunos poderiam tirar suas dúvidas no privado de cada professor. Ao realizar a atividade o aluno poderia ou fotografar ou responder em Word e enviar novamente para o professor contabilizar a presença do aluno.

A aluna I tem 52 anos, é do sexo feminino, está cursando o 4º período do 2º segmento, 9º ano. Quanto ao questionamento da motivação da interrupção de seus estudos e do seu retorno agora na EJA, a aluna relata, “[...] parei de estudar aos 12 anos por morar na fazenda e por dificuldades de locomoção. Voltei para a escola porque meu conhecimento era pouco para a tecnologia atual”. (ALUNA I, 2021).

Veja bem, pouco conhecimento, não quer dizer nenhum conhecimento. Há uma limitação, mas também uma bagagem advinda do que o aluno já vivenciou, do que o trabalho já exigiu dele.

[...] a relação dos alunos com o saber e com a escola tem afinidade com seu cotidiano, suas experiências, sua forma de ver a vida e com as maneiras pelas quais a escola responde ou não às suas expectativas como local de aprendizagem, de construção de saberes, de socialização e de convivência. As percepções são tão distintas como são diferentes as escolas, os professores e os alunos, com suas histórias de vida e sua subjetividade. (ABRAMOVAY; WAISELFISZ, 2015, p. 36)

Portanto, ao retornar para a escola, nem sempre o aluno está buscando a aprendizagem convencional, pois a mesma já pode de outras formas, fazer parte do cotidiano dele, porque a vivência na sua realidade local lhe proporcionou e esse saber ele já tem. A profissão e a convivência já exigiram isto dele.

Quando questionada sobre as dificuldades encontradas anteriormente, quando ainda era criança e atualmente ao estudar, a Aluna I destaca as responsabilidades como ter que trabalhar,

criar os filhos, educação deles, dentre outros fatores. Sobre seus receios em relação à escola, a aluna relata que tem vergonha por não ter buscado mais conhecimento e por ter ficado 40 anos sem estudar. Em relação aos receios sobre o curso da EJA, a aluna ressalta que não apresenta nenhum, visto que os professores estão sempre dispostos a ajudar diante do que eles conseguem aprender. Quanto ao tempo para estudar, a aluna destaca que tem o período destinado à aula e o que se dispõe ao seu próprio interesse de aprender mais. Sobre as dificuldades enfrentadas durante a Pandemia destaca a falta de conhecimento em relação à tecnologia em busca de mais aprendizado, não poder interagir com os colegas em sala de aula, dentre outras.

A aluna II tem 44 anos, é do sexo feminino, está cursando o 2º período do 2º segmento, 7º ano. Relata que ficou 35 anos sem estudar, pois seus tios não permitiam que ela estudasse por julgarem não ser necessário e que o conhecimento que ela já tinha era suficiente. Que voltou para a escola a fim de ampliar seus conhecimentos. Relata também, que não encontrou nenhuma dificuldade anteriormente em estudar, pois era mais nova, mas que hoje apresenta dificuldades visto que ficou muito tempo fora da escola. Não tem nenhum receio em relação à escola ou ao curso. Que encontra algumas dificuldades em relação à disciplina, mas que considera normal devido o tempo que ficou sem estudar. Ressalta que o tempo dedicado ao estudo, é o tempo destinado às aulas na escola, pois trabalha fora e cuida da sua casa não restando tempo para o estudo em casa. Em relação às dificuldades enfrentadas no tempo da Pandemia, ela destaca as de socialização.

Percebe-se pelos relatos, principalmente em relação ao primeiro, a função democrática da escola, do professor se colocar na situação do aluno e angariar ferramentas que possibilitem a compreensão do conteúdo pelo aluno. Essencialmente na EJA (Educação de Jovens e Adultos), no que concerne geralmente o público atendido estar a tanto tempo afastado da escola, ou até mesmo os jovens que já estão ali em situação de exclusão.

O processo de aprendizagem, por ser um processo interativo e de adaptação ativa à realidade, implica na existência de situações transferenciais. Dessa forma, não aprendemos com qualquer um. Para aprender, precisamos, de certa maneira, sentir-nos identificados com aquele que nos ensina. (DOWBOR, 2008, p.61-62)

Percebe-se então, a importância de se estabelecer uma relação professor-aluno que favoreça uma relação de confiança e do papel do professor de perceber a necessidade deste aluno e mediar o seu conhecimento se conscientizando que ambos aprendem neste processo.

O professor precisa também se atentar a postura desempenhada na sua atuação. “É fundamental que aquele que educa o outro se saiba e reconheça ocupando o lugar de ser modelo, já que quando ocupamos esse lugar marcamos o corpo daquele a quem educamos por meio de nossas intervenções. Porque educar é marcar o corpo do outro”. (DOWBOR, 2008, p.66).

Essa disposição relatada pela aluna I, diz muito sobre a postura do professor. Quando estou disposto a perceber a necessidade do outro posso auxiliá-lo a ressignificar seu conhecimento de forma humanizada. Na visão de Freire (1967), isso é possível com o diálogo. De acordo com Dowbor (2008), assumimos modelos na nossa prática que permeiam a relação professor-aluno, somos humanos e como tal, estamos sujeitos ao erro, sujeitos a sermos incoerentes e uma destas posturas é a do modelo autoritário que “[...] castra, limita e não delimita, impossibilita que o outro seja ele mesmo” (DOWBOR, 2008, p. 64).

É necessário antes de tudo saber ouvir para que o diálogo aconteça, prestar atenção, observar, estar atento as necessidades do outro também. Permitir que ele se sinta a vontade para se posicionar, para que perceba que também tem voz e que suas necessidades também são importantes.

Como aprender a discutir e a debater com uma educação que impõe? Ditamos ideias. Não trocamos ideias. Discursamos aulas. Não debatemos ou discutimos temas. Trabalhamos *sobre* o educando. Não trabalhamos *com* ele. Impomos lhe uma ordem a que ele não adere, mas se acomoda. Não lhe propiciamos meios para o pensar autêntico, porque recebendo as fórmulas que lhe damos, simplesmente as guarda. Não as incorpora porque a incorporação é o resultado de busca de algo que exige, de quem tenta, esforço de recriação e de procura. Exige reinvenção. (FREIRE, 1967, p.97).

Daí a importância do diálogo como forma de comunicação, pois neste processo, permite-se a liberdade de expressão, se posicionar, problematizar, buscar novas alternativas e a evolução do conhecimento para pensar criticamente a realidade em que se vive. Assim, assumir a pedagogia libertadora de Paulo Freire vai de encontro com o modelo libertador exposto por Dowbor (2008, p.65), no qual “[...] assume “seu saber” não como detentor da verdade, mas sim como possibilidade para que o outro saiba mais. É libertador, transformador, porque assinala para a autonomia e acredita na superação”.

Em um acompanhamento intermediário e final das Alunas I e II, novos questionamentos foram levantados a cerca das dificuldades encontradas durante a Pandemia. Ao questionar quais as expectativas que a aluna tinha após longo período sem estudar presencialmente a Aluna I respondeu que era de “não de desistir e correr atrás do tempo perdido”. Que sua persistência e vontade de aprender se confirmou, pois apesar de ter ficado um período sem estudar após ter

voltado, retornou novamente a sua perspicácia em prosseguir com seus estudos. A aluna ainda relata que com a Pandemia suas dificuldades aumentaram, pois teve que buscar aprendizagem sozinha e sem conhecimentos tecnológicos.

Entretanto, ela diz que foi persistente e descobriu que tinha muita capacidade de aprender. A aluna avalia que os professores estão preparados para ajudar sempre que precisam e que as metodologias são qualificadas para ajudar a tirar as suas dúvidas e considera que saiu bem em suas avaliações. Relata que tem mais facilidade nas disciplinas de História e Geografia, e acredita que sua motivação é gostar muito de realizar pesquisas e leituras.

Em relação às dificuldades apresentadas em disciplinas, considera as de Língua Portuguesa e Língua Estrangeira Moderna acentuando as dificuldades de interpretação. Afirma que a melhor forma de estudar é frequentando as aulas presencialmente. Avalia os professores como legais, pacientes, prestativos e atentos às necessidades dos alunos.

Freire (2005) ressalta ao abordar a questão do conteúdo programático, a importância da dialogicidade antes mesmo de se pensar o que ensinar. Quando ele busca no aluno esse conteúdo programático e não trazer sozinho o que ele acha pertinente o aluno aprender.

Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo programático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a revolução organizada, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 2005, p. 47)

A aluna I, ainda sugere que nas metodologias de ensino, melhorem as condições de trabalho dos professores. Quanto ao retorno das aulas presenciais, a aluna considera de extrema importância, visto que os alunos precisam da sala de aula para melhor aprender, tirar dúvidas, interagir no aprendizado com os demais colegas. A aluna relata que apesar do esforço e dedicação, já pensou em desistir por morar longe, por estar com idade mais avançada e ser mais difícil de aprender, entre outros motivos.

Podemos perceber pelo relato da aluna que grandes são os desafios e eles são enfrentados em momentos e por motivos diversos. Antes, a distância da sua casa a escola, depois as obrigações da vida como trabalhar, criar os filhos, outrora o avanço das tecnologias com as quais elas não têm familiaridade.

[...] a EJA não se reduz a escolarização. Sua história, na realidade brasileira, e também na realidade latino-americana, abarca a luta pelo direito de acesso, permanência e conclusão da escolarização com qualidade, em consonância com inúmeras outras lutas: pelos direitos à saúde, ao trabalho, à moradia digna (seja no campo ou nas cidades), à igualdade de gênero, ao respeito às diversidades, dentre tantas outras, que a configuram como educação ao longo de toda a vida e pela construção de uma sociedade que, de fato, seja espaço de vivência e convivência de todas e todos. (MACHADO, 2016, p. 432).

É uma história de vida, são percalços enfrentados ao longo do caminho que por vezes os obrigam a desistir. A escola precisa oferecer oportunidades de permanência ao educando em seu espaço. É fato que a Pandemia agravou a situação de exclusão do aluno da EJA, mas pelos relatos e bibliografias disponíveis podemos perceber que buscar os que não foram alfabetizados ou que não tiveram acesso a escola na idade certa nunca foi prioridade.

Ao responder o questionário, a aluna II, ressaltou que com o retorno às aulas presenciais na EJA sua expectativa era melhorar seus conhecimentos e que essas expectativas foram confirmadas. Entre as maiores dificuldades encontradas ela cita conciliar o trabalho e a escola, mas afirma que com dedicação conseguiu superar as dificuldades encontradas pelo caminho.

Avalia os professores como muito bons, assim como suas metodologias, mas com algumas dificuldades de compreensão do conteúdo. Ressalta que se saiu muito bem nas avaliações e que se identifica mais com as disciplinas de Educação Física e Arte e encontra maiores dificuldades em Português e Matemática. Revela que estudar online foi uma tarefa muito difícil, mas que no fim se saiu bem. Que as avaliações estavam muito bem elaboradas e não apresentou nenhuma sugestão. E por fim, afirma que os momentos em que pensou em desistir foram durante as aulas remotas, pois apresentou muitas dificuldades em estudar sozinha.

A partir dos relatos podemos compreender um pouco o significado da EJA na vida destes alunos. Chega a ser uma questão de necessitar disto para recuperar a dignidade, precisar do estudo para ser alguém, sentir-se alguém. O lugar de fala é muito importante neste momento, proporcionar a oportunidade de se auscultar os excluídos. Será que nesse caminho tortuoso alguém já parou para ouvi-los? Já se interessou pelo que eles têm a compartilhar?

[...] dizer a palavra verdadeira, que é trabalho, que é práxis, é transformar o mundo, dizer a palavra não é privilégio de alguns homens, mas direito de todos os homens. Precisamente por isto, ninguém pode dizer a palavra verdadeira sozinho, ou dizê-la para os outros, num ato de prescrição, com o qual rouba a palavra aos demais. (FREIRE, 2005, p. 44)

A palavra não deve jamais ser privilégio de poucos. Todos precisam ter acesso a ela.

Se não na idade certa, na idade que ele puder, que o seu tempo e vontade de mudar existir. Essas vozes já foram silenciadas por muito tempo, seja porque não tinha escolha por não ter como sedeslocar até a escola ou por outras pessoas decidirem por elas que a educação escolar não era algo necessário e diversos fatores que levam o aluno a evasão escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos relatos, procurei ser o mais fiel possível às falas das educandas ao transcrever, portanto, por vezes o leitor irá se sentir imerso em um vocabulário do senso comum e até mesmo vago. Entretanto, considero importante esta questão, isto diz muito da formação educacional e social do educando. Alguns apresentam maior facilidade em se expressar e contribuir, outros, ainda estão desenvolvendo estes aspectos que podem ser estimulados em sala de aula.

A exclusão do aluno da EJA apenas foi acentuada com a Pandemia, pois podemos perceber que esta exclusão é histórica. Desde as Políticas Públicas voltadas para a educação e a infância e juventude deste aluno. O professor sozinho não consegue incluir esse aluno, ele necessita de uma rede de apoio, entretanto, só de não excluir, ouvir, não impor, dialogar, não depositar, mas sistematizar e compartilhar, enfim, desempenhar papel de mediador do conhecimento respeitando a subjetividade dos educandos, ele já estará contribuindo com a promoção da autonomia e construção da cidadania em seu aluno.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Miriam; CASTRO, Mary Garcia; WAISELFISZ, Júlio Jacobo. **Juventudesna escola, sentidos e buscas: por que frequentam?**. Brasília: MEC, 2015. Disponível em: http://flacso.org.br/files/2015/11/LIVROWEB_Juventudes-na-escola-sentidos-e-buscas.pdf. Acesso em: 01 dez. 2021.

ARAÚJO, M. Da S. A atualidade de Paulo Freire em tempos de pandemia: tecendo diálogos sobre os desafios da educação e do fazer docente. **Práxis Educativa**, v. 16, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v.16.16610.009>. Acesso em: 08 set. 2022.

DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. Sonia Lúcia de Carvalhoe Deise Aparecida Luppi (Orgs.). 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (p. 57-74).



FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 46. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

MACHADO, Maria Margarida. **A educação de jovens e adultos: após vinte anos da Lei nº9.394, de 1996**. Retratos da Escola. Brasília, v. 10, n. 19, p.429-451, 2016. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/viewFile/687/706>. Acesso em: 04 dez. 2021.

MACHADO, Maria Margarida. Quando a obrigatoriedade afirma e nega o direito à educação. **Retratos da Escola**. Brasília, v. 4, n. 7, p. 245-258, 2010. Disponível também em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/84>. Acesso em: 03 dez. 2021.

SOUZA, A. M. De; FERREIRA, J. ; VIANA, L. A F. De C.; Educação de Jovens e Adultos em tempos de Pandemia na modalidade remota, reinventando a maneira de estudar e superando os novos desafios. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i7.28960>. Acesso em 09 set. 2022.